

Caracterização do livro ilustrado contemporâneo na pesquisa brasileira: uma revisão integrativa

Description of contemporary picturebooks in Brazilian research: a integrative review

CLEMENTE, Isadora; Graduada; IFPE

isadora.menezes33@gmail.com

SOUZA, Eduardo A B M; Doutorando; UFPE

eduardosouza@recife.ifpe.edu.br

O livro ilustrado contemporâneo é uma categoria notadamente plural em suas expressões, aspecto que reflete em sua caracterização enquanto objeto de estudo. Por meio de uma revisão integrativa de literatura, este artigo busca responder de que maneira as pesquisas brasileiras caracterizam o livro ilustrado contemporâneo. Depois de uma etapa exploratória, pesquisamos a palavra-chave “livro ilustrado contemporâneo” para nos fornecer seis artigos de análise de caso, a partir dos quais a caracterização dos livros ilustrados contemporâneos foi discutida. A discussão evidencia que a área de que parte cada um dos estudos tende a limitar a compreensão do livro ilustrado, seja pela pressuposição do público, seja pela priorização da linguagem verbal. Por isso, defendemos que uma abordagem centrada na articulação entre os elementos expressivos é capaz de expandir as possibilidades de análise. Portanto, a discussão crítica enfatizou como o estudo dos livros ilustrados se beneficiaria da contribuição disciplinar fornecida pelo design.

Palavras-chave: livro ilustrado contemporâneo, literatura infantil, multimodalidade

This paper aims to answer how the Brazilian research describes contemporary picturebooks through an integrative review of literature. After an exploratory phase, we searched the literature in the last five years for the keyword “contemporary picturebook” in the platforms Google Acadêmico, Periódicos Capes and Scielo. After narrowing to six case analysis papers, we outlined the objective and the methodology of each one and we highlighted their description of contemporary picturebooks. Our following discussion shows that these papers tend to limit comprehension of picturebooks skewing it according to their knowledge area, be it by focusing in an age group or by favoring verbal language. Hence we defend an approach centered on the articulation of expressive elements expands possibilities of analysis. Therefore, the critical discussion emphasized the disciplinary contribution that design can give to the study of picturebooks.

Keywords: contemporary picture book; children’s literature; multimodality

1 Introdução

Os livros ilustrados são um objeto de pesquisa desafiador porque, entre outras coisas, são muito controversos. Tradicionalmente, eles são estudados enquanto literatura infantil, que “tendem a ocorrer mais nas disciplinas práticas de biblioteconomia e educação, e talvez de psicologia, que na disciplina mais teórica da ‘literatura’” (Hunt, 2010, p.49). Sipe (2001), por exemplo, tratou esse objeto de uma perspectiva estética apenas para demonstrar que poderiam ser úteis para desenvolver também a alfabetização visual, das competências tradicionais de leitura e escrita. Assim, a literatura infantil, rejeitada pelos estudos literários, “brotou de um universo profissional extremamente eclético e comprometido, que tende a ser muito intuitivo e dedicado, mas não raro anti-intelectualizado” (Hunt, 2010, p.28), o que despertou desconfiança recíproca entre a academia e os campos que estudam o livro ilustrado.

Linden (2011) critica a insuficiência de estudos do livro ilustrado enquanto tal – e, quando há, estariam restritos ao campo da didática. Por outro lado, Colomer, Kümmerling-Meibauer & Silva-Díaz (2010) apontam que as discussões sobre os efeitos artísticos, narrativos e formais dos livros ilustrados cresceram graças às contribuições de Nodelman (1988) e Nikolajeva & Scott (2011). Para Linden (*ibid.*), as pesquisas nessa direção são importantes porque esse tipo de artefato exibe “uma ampla efervescência criativa que já não tem limites em termos de tamanho, materialidade, estilo ou técnica, e toda a sua dimensão visual, inclusive tipográfico, é em geral elaboradíssima” (p. 21). De fato, Kümmerling-Meibauer (2018) menciona a expansão do público leitor dos livros ilustrados e as técnicas e estratégias desenvolvidas para instigar as complexas relações e combinações sofisticadas de textos e imagens que demandam capacidades cognitivas, linguísticas e estéticas específicas dos leitores.

No entanto, a abordagem que enfatiza a linguagem do livro ilustrado também trouxe complicações. A dificuldade de classificação em relação a outras linguagens similares, como as histórias em quadrinhos e romances gráficos, tendem a ser questões contenciosas, delicadas e escorregadias (Tan, 2011; Foster, 2011; Hunter, 2011; Hatfield & Svonkin, 2012; Op de beeck, 2012). Souza (2016) apresenta uma ampla revisão do debate, mas podemos citar dois casos: de um lado, Sanders (2013) reitera que, exceto em casos instigantes em que eles se confundem, nós somos capazes de distinguir um do outro por meio da distinção das diferentes situações de leitura que antecipam. Por outro lado, Nel (2012) argumenta que, se há distinção entre essas categorias, as exceções são tantas que a separação precisa ser muito porosa. Enfatizando os modos de articular sua expressão, Souza (2019) defende que ambos compõem um mesmo *medium*, compartilhando os parâmetros das *narrativas gráficas*.

Toda essa disputa se agrava na língua portuguesa. Na primeira frase da introdução de Nikolajeva & Scott (2011) os editores mencionam a enorme controvérsia acerca da mera nomenclatura do objeto e sua tradução: a distinção entre *picturebook* e *picture book* – que parece ter sido inicialmente proposta por Sipe (2001) – se diferencia entre *livro ilustrado* e *livro com ilustração*. Apesar dessa tentativa, a edição brasileira de Linden (2011) aponta que “no Brasil, ‘livro ilustrado’, ‘livro de imagem’, ‘livro infantil contemporâneo’ ou mesmo ‘picturebook’ são utilizados sem muito critério” (p. 23). Essa não parece ter sido um dificuldade que desapareceu nos últimos dez anos, uma vez que Kümmerling-Meibauer (2018) reitera o problema e Ramos (2020) aponta para a lacuna de uma tradução adequada para o

português, restando a palavra ambígua “álbum” – de inspiração francesa –, raramente utilizada no Brasil.

Há uma última confusão de nomenclatura a apresentar: *livros ilustrados pós-modernos* e *livros ilustrados contemporâneos*. O primeiro termo é mais presente na literatura anglofônica, devido ao impacto do trabalho de Sipe & Pantaleo (2008). Os estudos reunidos no volume buscam demonstrar a mudança radical perpetrada pelo pós-modernismo teve seus desdobramentos no livro ilustrado (Dresang, 2008), dado que esse artefato também reflete valores, atitudes e conhecimentos sociais. Por outro lado, como discutiremos a seguir, a fase exploratória da nossa pesquisa revelou que a difusão da palavra-chave “livros ilustrados pós-modernos” não ocorreu na língua portuguesa. Especificamente no Brasil, temos nomeado esse objeto como “livro ilustrado contemporâneo”, provavelmente devido à difusão do trabalho de Linden (2011). Entretanto, vale ressaltar que esses termos não aparecem de forma excludente: não raro, tanto a literatura anglofônica quanto a lusofônica conjugam os dois e falam de “livros ilustrados pós-modernos contemporâneos”. Assim, o entendimento comum é que todas as características dos livros pós-modernos apresentadas por Sipe & Pantaleo¹ (2008) se apliquem ao que outros chamam de livros contemporâneos.

Diante dessas controvérsias, este artigo realiza uma revisão sistemática de literatura da pesquisa brasileira a fim de identificar como temos caracterizado o livro ilustrado contemporâneo. No Brasil, o estudo do livro ilustrado de uma perspectiva estética cresceu devido a publicações fundamentais (Oliveira, 2008; Hunt, 2010; Linden, 2011; Nikolajeva & Scott, 2011; Moraes, Hanning & Paraguassu, 2012; Salisbury & Styles, 2013), assim como o surgimento de cursos livres e pós-graduações dedicadas ao tema – que exemplificaríamos com a Usina de Imagens² e A Casa Tombada³, respectivamente. Isso reflete diretamente na sofisticação dos livros ilustrados produzidos, como fica claro por Mendes (2016) e Dalcin (2020), e na sua pesquisa (Gili, 2014; Souza, 2016). Com a contribuição deste artigo, buscamos avançar no entendimento do livro ilustrado a partir da sua complexidade de expressão.

2 Metodologia

Neste trabalho, adotamos uma revisão integrativa de literatura. Por mais que essa seja uma escolha incomum em revisões de literaturas que geralmente são do tipo narrativa, Gomes & Caminha (ibid.) apontam que, nos últimos dez anos, as Ciências da Saúde têm desenvolvido métodos de revisão sistemática, que buscam evitar vieses e suprir as lacunas do caráter descritivo-discursivo das revisões narrativas.

A revisão integrativa tem sido integrada aos estudos das Ciências Sociais Aplicadas, pois permite aglutinar diferentes metodologias, amostras e escopos, permitindo “traçar uma análise sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores sobre um determinado tema” (Botelho, Cunha & Macedo, 2011 p. 127). Como o nome sugere, ao empregar essa

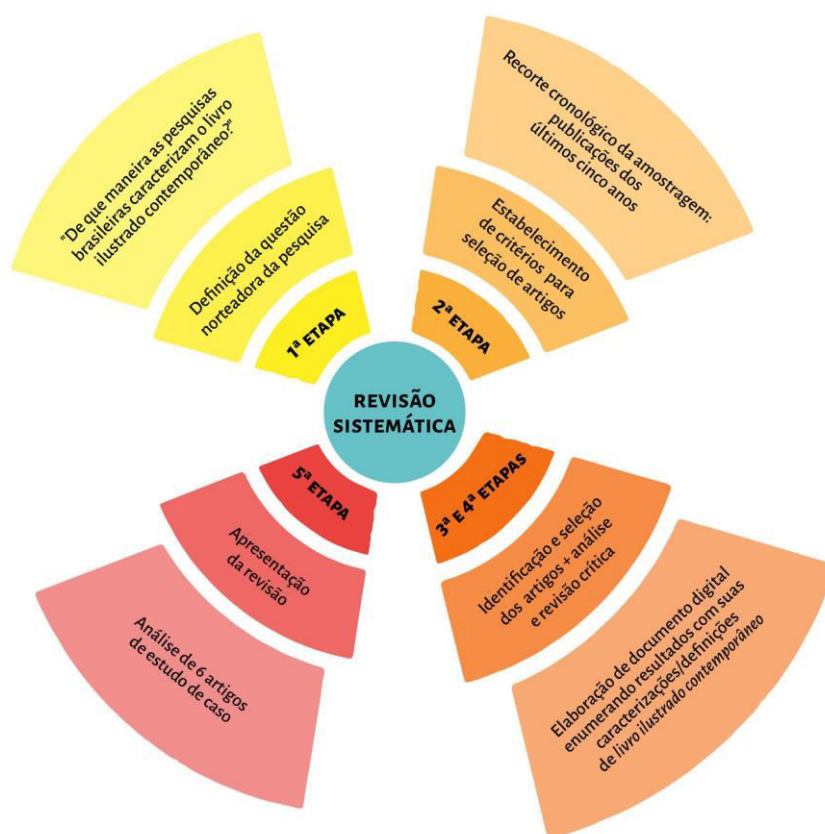
¹ As características são: esfumçar as distinções entre categorias, subversão da tradição literária, intertextualidade, polissemia, ludicidade e autorreferência.

² <https://www.instagram.com/usina.de.imagens/>

³ <https://acasatombada.com.br/>

metodologia, buscamos integração de opiniões, conceitos ou ideias de um determinado conceito ou tópico, a fim de conduzir uma análise qualitativa narrativa (ibid.). As etapas desse tipo de revisão estão sintetizadas no gráfico da Figura 1.

Figura 1 – Gráfico sintetizando etapas da revisão integrativa de literatura conforme utilizado neste artigo.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Botelho, Cunha & Macedo (2011)

A primeira etapa consiste em formular uma pergunta de pesquisa que norteie a busca e oriente a definição das palavras-chave que poderão fornecer respostas à pergunta. Devido à confusão de termos apresentada na seção anterior, foi necessário realizar pesquisas preliminares para sondar qual palavra-chave tem sido mais utilizada nas pesquisas – tanto no singular, quanto no plural. Utilizamos apenas o Google Acadêmico para essa fase. Iniciamos por fazer pesquisas sem restrição cronológica: a palavra chave "livro ilustrado pós-moderno" forneceu quinze resultados e "livros ilustrados pós-modernos", apenas quatro. Já no caso de "livro ilustrado contemporâneo" e, no plural, "livros ilustrados contemporâneos", obtivemos 118 e 46 resultados, respectivamente. Portanto, essa etapa possibilitou determinarmos qual o termo mais corrente nas pesquisas brasileiras.

Então, depois dessa etapa preliminar, a questão formulada foi "de que maneira as pesquisas brasileiras caracterizam o livro ilustrado contemporâneo?". Dado o caráter amplo dessa

pergunta, temos como objetivo evidenciar as características que os pesquisadores têm elencado para classificar os livros ilustrados que constituem as discussões acadêmicas. Por conseguinte, a palavra-chave utilizada para a pesquisa foi “livros ilustrados contemporâneos”, em oposição a “livros ilustrados pós-modernos”. Desta feita, realizamos a pesquisa nas plataformas Scielo, Periódicos Capes e Google Acadêmico.

A segunda etapa consiste em estabelecer critérios de inclusão e exclusão. Botelho, Cunha & Macedo (2011) evidenciam que esta etapa depende dos resultados da etapa anterior, uma vez que a amostragem pode indicar os próprios critérios de seleção. Dado que buscávamos o estado da arte da discussão, estabelecemos primeiro o **recorte cronológico** na amostragem: apenas os textos publicados nos últimos cinco anos seriam considerados. Por outro lado, dado o caráter amplo da pergunta, não fizemos nenhuma outra restrição nesta etapa.

A plataforma Scielo não apresentou nenhum resultado, a plataforma de Periódicos Capes apresentou 4 resultados e o Google acadêmico apresentou um total de 83 resultados. Vale ressaltar que todos os artigos que apareceram no Periódico Capes, apareceram também na plataforma do Google acadêmico. Ou seja, ao total menos de 84 resultados apareceram ao pesquisar a palavra-chave “livros ilustrados contemporâneos”.

A terceira etapa consiste na identificação do material selecionado, que consiste na “leitura criteriosa dos títulos, resumos e palavras-chave (...) para posteriormente verificar sua adequação aos critérios de inclusão do estudo” (Botelho, Cunha & Macedo, 2011 p.130). Já a quarta etapa diz respeito à categorização dos estudos selecionados, com o objetivo de “sumarizar e documentar as informações extraídas dos artigos científicos encontrados nas fases anteriores (...) elaborada de forma concisa e fácil” (*ibid.* p. 131). Foi possível concatenarmos essas duas etapas em um único procedimento: criamos um documento digital e listamos resultados encontrados com seus títulos, categorizando o tipo documento científico (tese, dissertação, artigo, etc.) e fichando o parágrafo em que cada um caracterizava ou definia aquilo que denominava de livro ilustrado contemporâneo.

Assim, dentre os 84 resultados da segunda etapa, 61 eram possíveis de acessar, e, desses, apenas 55 caracterizavam o livro ilustrado contemporâneo de alguma maneira. Além disso, dentre os 55, identificamos que se tratavam de 22 artigos, 17 dissertações de mestrado, 9 trabalhos de conclusão de curso (TCCs), 4 teses de doutorado, 2 ensaios e uma resenha.

Dada a abordagem qualitativa e discursiva da nossa pesquisa, esta amostragem a tornaria inviável, além de agrupar trabalhos com estruturas significativamente diferentes entre si. Desse modo, utilizamos um novo critério para afunilamento dos resultados: **recorte do formato de texto**. Decidimos nos restringir o escopo apenas para artigos porque são as comunicações científicas que determinam os desenvolvimentos mais atualizados acerca do objeto de pesquisa. Depois disso, avaliando os 22 artigos, decidimos estabelecer um novo recorte: analisar aqueles que fazem um estudo de caso. Isto porque, durante a análise, percebemos a recorrência dessa estrutura de artigo e constatamos que, ao justificar a escolha de determinados livros para análise de caso, esses textos buscavam caracterizar esses objetos como livros ilustrados contemporâneos, evidenciando o que buscamos na nossa pergunta de pesquisa.

Assim, nossa amostragem final para análise e discussão foi de seis artigos, a partir dos quais foi construída uma matriz de síntese, que contém a caracterização do livro ilustrado



contemporâneo para cada um dos artigos de análise de casos selecionados. As publicações e suas respectivas definições estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos selecionados para revisão integrativa de literatura

Áreas relacionadas	Artigos
Áreas de Letras e Linguística.	Artigo 01: DOMINGUES, H. N. DA S.; MARSON, C. R.; MARTHA, A. ÁUREA P. Se eu abrir esta porta agora... (2018): projeto gráfico-editorial e perspectivas de leitura. Acta Scientiarum. Language and Culture , v. 42, n. 2, p. 04-11. 28 ago. 2020.
Áreas de Inglês, Literatura e Estudos Culturais.	Artigo 02: PINHEIRO, Marta Passado; GOMES, Sabrina Ramos. Os "novos" Contos de Fadas:: Tradição e inovação em a Bela Adormecida, de Gaiman e Riddell. Ilha do Desterro , Santa Catarina, v. 71, n. 2, p. 36-56, jun./2018. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2018v71n2p35 . Acesso em: 17 abr. 2022.
Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (ECLLP-DLCV-USP).	Artigo 03: MATSUDA, A. A.; FERREIRA, E. A. G. R.; CARRIJO, S. A. B. A jornada do herói no livro ilustrado contemporâneo: análise da obra O Passeio, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo. Revista Crioula , [S. l.], n. 25, p. 15-27, 2020.
Áreas de Letras e Linguística.	Artigo 04: LOTTERMANN, Clarice; RODRIGUES, Severino. Rabiscando Sentido no Livro Ilustrado para Jovens:: Análise da Obra, de Luís Dill e Fernando Vilela. Revista Leia Escola , Minas Gerais, v. 21, n. 1, p. 114-127. abr./2021. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/2103/pdf . Acesso em: 17 abr. 2022.
Áreas de Expressão e Representação Gráficas nas suas mais variadas aplicações seja em Design,	Artigo 05: MENEGAZZI, Douglas; PADOVANI, Stephania. A Linguagem Visual



Arquitetura, Engenharias, Artes Plásticas, Ciências e áreas afins.

no e-book infantil: Análise do Livro App "WUWU&CO". **Educação Gráfica**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 37-51, ago./2017. Disponível em: http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2017/09/06_A-LINGUAGEM-VISUAL-NO-EBOOK_37_51.pdf. Acesso em: 17 abr. 2022.

Área de Ensino.

Artigo 06: COSTA, A. A. S. D; CARVALHO, K. C. H. P. D. Infâncias de aqui e de acolá: uma leitura intercultural do livro Esperando a Chuva, de Véronique Vernet. **RECeT Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 28-32, dez./2021. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/recet/article/view/1867>. Acesso em: 17 abr. 2022.

Fonte: Elaborado pelos autores

3 Resultados

Na plataforma do Google Acadêmico, a palavra-chave “livro ilustrado contemporâneo” aparece pela primeira vez na produção acadêmica brasileira em 2007; Greemland (2007) menciona o termo uma única vez, sem nenhuma conceituação específica, referindo-se apenas aos livros ilustrados produzidos à época. Alguns anos mais tarde, Mendes (2011) menciona a conceituação de *livro ilustrado pós-moderno* proposta por Sipe & Pantaleo (2008) e Dresang (1999) para caracterizar a produção de Roger Mello, em especial de *Zubair e os labirintos*. Entretanto, essa categoria não é discutida de maneira criteriosa.

O artigo 01 (Domingues et al., 2020), apresenta uma breve revisão histórica da produção do livro ilustrado no Brasil, que caracteriza ter sido iniciada tardiamente “por volta do século XX” (p. 1) e cujas primeiras tentativas identitárias nacionais foram avançadas por Monteiro Lobato. As autoras argumentam que, “paulatinamente, a produção literária para o público infantil foi abandonando seu caráter pedagógico, alcançando trabalhos estéticos louváveis” (p. 2) e preparou o cenário brasileiro para a recepção do livro *Se eu abrir esta porta agora...* (2018), de Alexandre Rampazo. Para conduzir a análise deste livro, o artigo reforça a importância do projeto gráfico ao citar que “nos propõe, por meio de textos e imagens, um caminho a ser percorrido, uma ideia de ler, um ritmo de leitura” (*ibid.* p. 3). Assim, as autoras definem o livro ilustrado como contemporâneo como uma obra em que

“as imagens **rompem deliberadamente com a funcionalidade pedagógica**, autores, ilustradores e editoras apostam em edições cunhadas pelo humor, pela delicadeza, pelo minimalismo e pela função entre o **suporte e a materialidade do livro** (...). No intuito de **valorizar a relação entre texto e imagem** (...) a linguagem visual propiciada pelo suporte sanfonado opera no âmbito criativo de técnicas e estilo de produção, contribuindo de maneira inegável para a evolução de nossa relação com o livro ilustrado e nos colocando frente a denominações plásticas como livro-objeto, devido ao auxílio de **recursos da tipografia, da encadernação**, do projeto gráfico editorial, enfim” (Domingues et al, 2020 p. 3, grifo nosso)

Desde a introdução, o artigo evidencia a pretensão do livro ilustrado contemporâneo de romper com as convenções pedagógicas, embora ainda direcione esse tipo de produção para um público infantil e infantojuvenil, pois mesmo assumindo posicionamentos estéticos, sua intenção ainda estaria restrita a contribuir “para formação de uma nova geração de leitores” (Domingues et al, 2020 p.2) e que essas mudanças significativas são na “produção e edição de obras destinadas às crianças e aos jovens” (*ibid.*), mas ainda assim “extrapola essa aventura de leitura também para os adultos” (*ibid.* p.3) e cria uma situação paradoxal.

Além disso, as autoras também caracterizam o livro ilustrado contemporâneo por suas características formais. No trecho citado acima – mas também ao longo da análise – o artigo evidencia tanto a multimodalidade (“relação entre texto e imagem”) quanto o caráter do livro como objeto e os recursos que compõem o projeto gráfico editorial. Entretanto, o texto elabora essas articulações de maneira vaga, considerando as “artimanhas do projeto gráfico-editorial” (p. 2), entre as quais enumeram apenas os “recursos da tipografia, da encadernação” (p. 3), que caracteriza como “requintado” (p. 4). Em última instância, as autoras parecem separar essas expressões: “seja pelo texto literário, pelas ilustrações, pelo design, pelos caminhos de leitura propostos, o autor consegue produzir um livro infantil que vai ao encontro dos desejos e necessidades dos pequenos leitores” (p. 10). Todavia, não é por um ou outro que o livro executa a experiência de leitura, mas justamente pela articulação entre todos.

Já o artigo 02 (Matsuda et al. 2020) inicia apontando a problemática do convívio dos jovens com imagens estereotipadas devido à “valorização excessiva dos meios de comunicação, como internet, celulares, jogos eletrônicos, entre outros” (p. 15) e questiona se essas imagens criam uma memória afetiva ou apenas estereótipos ao automatizar o olhar. Essa problemática é discutida por meio de uma análise embasada na Estética da Recepção, a fim de

“observar (...) se sua leitura estabelece comunicabilidade com o leitor implícito, fomenta a constituição da memória; desautomatiza o olhar em relação à imagem e ao livro ilustrado; rompe com conceitos prévios sobre relações humanas em sociedade; e amplia, pela exploração do tema da viagem, seu imaginário, favorecendo, assim, a sua formação como leitor estético” (p. 16).

Esses objetivos buscam ser cumpridos a partir da análise do livro *O passeio* (2017), de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo, que é considerado pelas autoras como um livro ilustrado infantil e juvenil contemporâneo, nos termos em que Linden (2011) aponta como uma forma específica de expressão,

“na qual a **materialidade tem importância significativa**, pois produz efeitos de sentido. Ele é projetado para valorizar a interação sinestésica com seu público, instalar a “cena” na folha dupla (LINDEN, 2011), além de assegurar a **articulação entre a narrativa e o plano imagético**. Seu objetivo é cativar o olhar, pela apresentação de cores intensas; formatos surpreendentes; inserções imagéticas tanto de elementos do universo mundano quanto do universo das artes; linguagens dinâmicas, principalmente pela **junção entre textos verbal e imagético**, entre outros recursos (...)” (Matsuda et al, 2020 p. 15-6, grifo nosso)

Este trabalho também evidencia a materialidade e a multimodalidade dos livros ilustrados como características distintivas da sua expressão contemporânea. Entretanto, de maneira semelhante ao artigo 01, também carece no rigor dos termos discutidos acerca do livro ilustrado: mencionar a “articulação entre a narrativa e o plano imagético” demonstra que há uma concepção subjacente da narrativa como composta *apenas* pelos elementos verbais. Isso demonstra um viés que privilegia a leitura em termos estritamente verbais, visto que a narrativa do livro ilustrado comunica precisamente a partir de um nível de significado que é alcançado pela articulação entre verbal e pictórico (Souza, 2016; 2019).

O artigo 03 (Pinheiro & Gomes, 2018) inicia definindo e apresentando um breve panorama histórico do gênero literário do conto de fadas. As autoras citam que as análises de abordagem psicanalítica “concebem o conto de fadas como uma forma de expressão de arquétipos do inconsciente coletivo” (p. 36), de modo que “a presença do bem e do mal, do herói e da aventura, faz com que ele seja objeto de muitas releituras e adaptações para outros gêneros e mídias” (*ibid.*). Assim, o artigo tem como objetivo investigar “a tradição e a inovação na obra *A Bela e a Adormecida* por meio da análise da construção da narrativa, considerando o importante papel do projeto gráfico e das ilustrações” (p. 37).

O objeto de estudo de Pinheiro & Gomes (2018) é reiterado como “livro **infantil contemporâneo**” (grifo nosso) e o título da segunda seção – “A importância das ilustrações na literatura infantil e juvenil contemporânea” – demonstra que o recorte desta análise não se dá pela forma do livro ilustrado, mas sim pela ênfase na literatura infantil. Desta feita, para as autoras, a caracterização mais marcante desse tipo de livro é “a forte interação entre imagem e palavra” (p. 38), que tem trazido destaque aos livros que se valem desse recurso. Por conseguinte, elas atribuem ao ilustrador britânico do século 19, Randolph Caldecott o status de um “grande inovador dos livros infantis por propor a construção da narrativa a partir da integração entre ilustração e palavra” (*ibid.*). Tal atribuição tensiona a classificação proposta por Linden (2011), que considera Caldecott um precursor do livro ilustrado *moderno*, mas atribui outras características para o livro ilustrado *contemporâneo*: a materialidade e “o cuidado dispensado ao conjunto de seus componentes – até mesmo a tipografia (...)” (p. 17) e a nova concepção de imagem inaugurada por Maurice Sendak.

Já o artigo 04 (Lotterman & Rodrigues, 2021) analisa a obra *Rabiscos*, de Luís Dill e Fernando Vilela, “à luz dos paratextos, de Gérard Genette, e das análises acerca do livro ilustrado, de Sophie Van der Linden, em diálogo com diversos outros pesquisadores que investigam a literatura juvenil atual” (p. 115). O trabalho também define o livro ilustrado a partir de um público, mas dessa vez o público reivindicado é o *juvenil*, como uma categoria distinta do infantil ou infantojuvenil.

Ao dialogar com Genette (2009), Lotterman & Rodrigues (2021) reproduzem o pressuposto de que o texto principal é constituído pelos elementos *verbais* textuais, à medida que os demais elementos – mesmo esses fundamentais para a articulação de significado do livro ilustrado – se enquadram como *paratextuais*:

“O lugar de um elemento paratextual é o entorno do texto, no espaço material entre o texto literário e o leitor na obra literária e, até mesmo fora dela. Ainda, segundo o autor, “o valor paratextual que outros tipos de manifestações podem contar: icônicas (as ilustrações), materiais (tudo o que envolve [...] na composição de um livro), ou apenas factuais” (GENETTE, 2009, p. 14)” (p. 114)

Ainda que sejam considerados *paratextuais*, Lotterman & Rodrigues (2021) valorizam esses elementos e caracterizam o livro ilustrado contemporâneo a partir da definição de Menegazzi e Debus (2018), que reitera algumas das características dos artigos anteriores – sobretudo *a* e *f* –, mas elabora outros elementos de maneira mais cuidadosos:

“a) a materialidade do próprio como objeto físico, que enriquece a narrativa e a experiência leitora; b) a diagramação, que afeta no ritmo da leitura da obra; c) a tipografia, que pode possibilitar maior ou menor legibilidade; d) as qualidades estilísticas dos textos, em que se encontram os enunciados gráficos e os seus arranjos em jogo de produção de sentidos; e) a qualidade estilística da ilustração, que pode despertar a atenção dos leitores; f) os acabamentos gráficos, que criam novas possibilidades de interação do leitor com a obra; e g) os elementos paratextuais, que podem ser utilizados intencionalmente para construção de novos sentidos na obra literária” (p. 116)

Já o artigo 05 (Menegazzi & Padovani, 2017) propõe a análise de um livro app e apontam que

“Os três elementos que formam a base estrutural do livro ilustrado contemporâneo são ‘texto, imagem e a consciência do livro-ele-mesmo’. (NECYK, 2007, p. 83) A partir disso, discute-se como as unidades e propriedades gráficas se organizam e geram significado nas relações entre texto, imagem (considerando também as formas) e suporte dos livros infantis impressos e paralelamente no e-book. A investigação busca compreender alterações no projeto gráfico entre o formato impresso e digital de livro ilustrado. Esta problemática leva em consideração que ‘o design do livro é o meio pelo qual o leitor toma contato com a narrativa no livro infantil contemporâneo.’ (NECYK, 2007, p. 83)” (p. 46)

Essa proposta de caracterização do livro app a partir da literatura do livro ilustrado é um desafio teórico. Necyk (2007), concordando com toda a literatura e crítica do livro ilustrado, ressalta a importância da materialidade, distanciando-o, inclusive, do livro digital:

“vamos focalizar a apreensão dos aspectos materiais do livro – aspectos de forma, formatos e mancha gráfica ou disposição de texto e imagens. As possibilidades oferecidas pela materialidade do livro infantil o distinguem inteiramente de outras formas de leitura, como, por exemplo, o livro digital. (...) O livro infantil utiliza a seu favor toda a força da própria forma. Os formatos diferenciados, a impressão em policromia, a alta gramatura da capa e do papel de miolo (inclusive cartões), o uso de facas especiais, os flips, os pop-ups e o uso de ilustrações na capa e no miolo, são características constantes.” (p. 98).

Assim, é provável que a “consciência do livro-ele-mesmo” citada por Menegazzi & Padovani (2017) subentenda a materialidade de que os outros autores falam, impossibilitando a

caracterização de um livro app como livro ilustrado contemporâneo. Todavia, a importância do design e das escolhas de configuração que ele opera no processo de publicação é de relevante para nossa discussão na seção a seguir.

O artigo 06 (Costa & Carvalho, 2021) inicia defendendo a importância da presença da cultura africana em livros didáticos distribuídos em escolas públicas, para que as crianças tenham contato com a cultura africana através da literatura infantil desde os anos iniciais de escolarização básica. As autoras apontam o marco que foi a Lei nº 10.639/2003 responsável pela obrigatoriedade do ensino, mas demonstram que a quantidade de obras que abordam a perspectiva intercultural africana destinada à infância é ainda muito tímida: entre 2008 e 2009, de 2.416 publicações, apenas 170 apresentaram o negro e/ou a cultura africana e afro-brasileira (p. 30). Apesar do crescimento significativo na distribuição de livros didáticos, são poucos os que evocam a temática africana e/ou afro-brasileira, ou que aos menos tenham personagens que sejam negros. Além disso, nos poucos livros que retratam a cultura africana, é comum que as narrativas se ambientem em florestas e/ou savanas, que

“embora se justifiquem pelo narrar das lendas e tradições que se passam nesses ambientes, podem reforçar o que Chimamanda Ngozi Adichie chama de o perigo de uma história única, isto é, uma visão estereotipada da ausência de urbanização no continente africano, tão recorrente no imaginário popular. Para essa autora, “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22)” (Costa & Carvalho, 2021 p. 31)

Logo, as autoras analisam a obra *Esperando a chuva*, de autoria de Véronique Vernet, porque através do diálogo entre texto e imagem esta obra constrói uma narrativa ambientada no espaço urbano africano: “nada de savanas e leões, mas mercados, bicicletas, barulhos da cidade a vida de seus habitantes” (VERNETTE, 2013, p. 33 em Costa & Carvalho, 2021). O artigo também apresenta um relato de uma experiência de leitura com alunos dos anos iniciais da educação básica durante aulas remotas. Nesse sentido, esse texto não rejeita o caráter pedagógico e didático do livro ilustrado; muito pelo contrário: inscreve a sua importância na inclusão e discussão das questões étnico-raciais no contexto das escolas brasileiras.

Nesse sentido, Costa & Carvalho (2021) caracterizam o livro ilustrado contemporâneo pela relação entre “palavra e imagem [que] ressoam entre si em uma trepidação: para cada leitor essa *fusão* é particular, instante único [...]” (RIBEIRO, 2008, p. 126 em *ibid.*). De fato, durante a discussão do livro, a correlação entre o plano visual verbal e o plano imagético é evidenciada, articulando também o recurso da materialidade: “ao abrir das páginas duplas, uma mirada panorâmica das ilustrações repletas de cores e estampas, bem como de diferentes detalhes da cultura local revelados no plano visual/imagético” (*ibid.* p. 33).

5 Discussão

Diante das análises dos seis artigos apresentadas na seção anterior, podemos esboçar algumas respostas para a nossa questão de pesquisa: “de que maneira as pesquisas brasileiras caracterizam o livro ilustrado contemporâneo?”. A integração dos conceitos e caracterizações evidenciam as recorrências e dissonâncias dos trabalhos discutidos, que, embora estabeleçam um panorama plural, também é permeado de conflitos e contradições, com seus vieses e limitações.

A primeira questão relevante são os conflitos entre os campos que têm o livro ilustrado enquanto objeto de estudo, conforme apresentamos na seção de Fundamentação Teórica a partir de Hunt (2010). Dentre os seis trabalhos, todos foram oriundos de revistas da área de Educação, de Letras e Linguística ou de Comunicação; cabe mencionar que o artigo 05 (Menegazzi & Padovani, 2017) é o único que foi publicado em uma revista que discute educação relacionada à área de “Expressão e Representação Gráficas nas suas mais variadas aplicações seja em Design, Arquitetura, Engenharias, Artes Plásticas, Ciências e áreas afins”⁴. Essa consideração ajuda a explicar porque alguns dos textos analisados partiam de um recorte que determina o público dos livros – como o artigo 01 e 02 pressupõem um público infantil ou o artigo 03 pressupõe o público juvenil. Por outro lado, a fundamentação no campo de Letras e Linguística indica porque os artigos 02 e 04 partem do pressuposto que o texto verbal é a modalidade mais importante.

A ênfase de alguns dos artigos no público aponta para uma discussão incipiente no que diz respeito à forma do livro ilustrado enquanto tal, que, concordando com Linden (2011), “permanecem parciais ou restritas ao campo da didática” (p. 9). Apesar de a classificação do público ser mais evidenciada do que a própria linguagem – por isso, o artigo 03, por exemplo, fala de livros *infantis* ilustrados – a caracterização mais recorrente foi com relação à multimodalidade, ou seja, a interação entre texto e imagem. Conforme apontamos, embora todos os seis trabalhos tenham reconhecido a importância desse aspecto, alguns deles compreendiam o texto como prioritário, ainda que em seus pressupostos.

Esse aspecto se relaciona com o uso pedagógico do livro ilustrado, tensionado de maneira mais evidente entre os artigos 01 e 06. Domingues et al (2020) parecem antagonizar a abordagem formal e estética do livro ilustrado com sua funcionalidade pedagógica, de modo que seria necessário que o livro abandone este último para proporcionar uma experiência de leitura distintiva. Entretanto, a análise de Costa & Carvalho (2021) demonstra que essas dimensões não são excludentes entre si: é plenamente possível elaborar livros ilustrados que abram possibilidades pedagógicas emancipatórias articulando os modos de expressão estéticos de maneira significativa.

Concordando com Linden (2011), que o livro ilustrado não se trata de um gênero, mas “uma forma específica de expressão” (p. 29). Nesse sentido, Kukkonen (2013) utiliza o conceito de *medium* para estudar as histórias em quadrinhos (*comics*), um conceito que se constitui por “(i) é um modo de comunicação, (ii) depende de um conjunto particular de tecnologias, e (iii) está ancorado na sociedade por instituições” (p. 4). A partir disso, Souza (2016, 2019) propõe que livros ilustrados e *comics* compartilham os mesmos parâmetros, reconhecendo o *medium* como das narrativas gráficas, que se baseia em três parâmetros: articulação, multimodalidade e ordem pictórica (c.f. Souza, 2016). Para ele, esses parâmetros possibilitam compreender como os livros ilustrados fornecem elementos para articular significados.

Outra resposta recorrente para a caracterização que as pesquisas brasileiras fazem do livro ilustrado contemporâneo foi a materialidade, associada ao projeto gráfico. Entretanto, essas caracterizações demonstram pouca apropriação acerca das propriedades e modos de configuração do livro enquanto objeto. É possível que isso ocorra devido a uma barreira

⁴ **Sobre.** Educação gráfica. Disponível em <<http://www.educacaografica.inf.br/expediente>>. Acesso em 14 de abril de 2022.

disciplinar. Esse aspecto levanta questões importantes, pois mesmo em uma publicação de alto impacto como a de Linden (2011), a discussão sobre a reprodutibilidade está limitada à imagem, relegando aos demais atores do processo produtivo o status de *intermediários*:

“o papel dos intermediários permanece importante, mesmo sendo evidentemente menor que na época em que a gravura constituía o único procedimento reprodutivo. Editores, diretores de arte, designers gráficos, fotogravadores e impressores são com frequência levados a fazer escolhas que podem ter consequências significativas para o projeto. Dependendo da editora, a intervenção do diretor de arte – da seleção dos ilustradores às opções de diagramação e tipografia – pode ter um papel determinante no trabalho final. (Linden, 2011 p. 33)

Além disso, ao caracterizar o livro ilustrado contemporâneo, Linden (2011) aponta que

“O fato de [Robert] Delpire [, publicitário e editor de arte,] levar em conta a materialidade do livro e o cuidado dispensado ao conjunto de seus componentes – **até mesmo à tipografia**, sobre a qual se debruça em especial – anunciam a importância do aspecto visual nos livros ilustrados contemporâneos.” (p. 17, grifo nosso)

O fato de Linden ressaltar que “até mesmo” a tipografia recebia cuidado nos livros ilustrados que inauguraram a categoria de *contemporâneo* denota o viés que subestima aqueles que ela caracteriza como *intermediários*. Ainda que suas decisões sejam reconhecidamente determinantes, a atual caracterização presente na literatura subestima os demais atores desse processo – entre os quais está o design. Ou seja, embora as caracterizações do livro ilustrado contemporâneo perpassem profundamente pelas preocupações de configuração – que tradicionalmente dizem respeito à atividade de design –, a literatura restringe a atenção aos autores e ilustradores. Por isso, consideramos que é imprescindível que o design seja devidamente considerado pela perspectiva interdisciplinar que é necessária para a compreensão plural do livro ilustrado.

Por outro lado, Salisbury & Styles (2013) reforçam que o design tem se tornado cada vez mais importante no processo de publicação: “como a fusão do verbal e do texto pictórico se tornou cada vez mais comum, os artistas passaram a controlar cada vez mais o design da página como um todo” (p.90). Nesse sentido, Oliveira (2006) explicita que “o livro enquanto objeto é carregado de significados e cada decisão tomada pelo designer de livros contribui para a formação de sentido” (p. 100), compreendendo os designers como atores envolvidos no processo produtivo e que podem explorar as possibilidades do projeto gráfico para articular significado nesses objetos. Nesse sentido, o campo do design possui amplas contribuições para essa discussão, possibilitando, inclusive, maior concisão conceitual e terminológica para o debate. Oliveira (*ibid.*) sintetiza essa contribuição ao delinear o ofício do designer:

os livros de artista, apesar de compartilhar aspectos estruturais e formais com aqueles reprodutíveis em larga escala, são resultados de produção artística e enfatizam a expressão como uma das maneiras de conferir valor simbólico ao artefato. Por conseguinte, essas duas categorias possuem objetivos muito diferentes. Na contemporaneidade, esse livro “comum”, de alta tiragem, é associado à atividade do designer, que, a partir da perspectiva moderna de projetista, deve organizar os elementos (to lay out) para constituir um projeto que deve ser executado por outros atores do processo produtivo. (p. 90-1)

Para a Oliveira (2016), a figura do designer aparece como uma síntese de duas correntes opostas: uma que considera a cópia como uma dimensão fundamental da difusão de uma obra e outra que valoriza a singularidade de cada objeto. Nesse sentido, “o ofício do designer dá continuidade à tradição de articular significados através da configuração tanto da página quanto da materialidade do formato” (*ibid.* p. 94). Ademais, as contribuições de Oliveira (2016) levaram à proposição do parâmetro da materialidade para compreender o *medium* das narrativas gráficas, conforme discutido em Oliveira & Souza (2021). Ou seja, de acordo com esta revisão de literatura, é seguro afirmar que o livro ilustrado contemporâneo se caracteriza pela sua materialidade. Portanto, embora Menegazzi & Padovani (2017) apontem para a importância do designer para a configuração do livro ilustrado, os autores estão lidando com outro tipo de artefato, o *livro app*.

6 Considerações finais

Este artigo apresentou uma revisão de literatura integrativa, com intuito de responder “de que maneira as pesquisas brasileiras caracterizam o livro ilustrado contemporâneo?”. Por meio do delineamento metodológico apresentado por Botelho, Cunha & Macedo (2011), foi possível mapear a produção científica que utilizou a palavra-chave “livro ilustrado contemporâneo”, determinada depois de uma pesquisa exploratória que indicou que este termo é mais utilizado no Brasil do que “livro ilustrado pós-moderno”, corrente na literatura anglofônica (*c.f.* Sipe & Pantaleo, 2008).

Dos 83 resultados publicados nos últimos cinco anos, nós limitamos o escopo para 6 dos 21 artigos que apresentavam análises de caso. A partir desse recorte, pudemos fazer uma revisão criteriosa de como essas pesquisas caracterizam os livros ilustrados contemporâneos. Nós encontramos elementos recorrentes na caracterização, como a multimodalidade e a atenção à materialidade do livro ilustrado, que correspondem aos apontamentos da literatura mais bem estabelecida (Oliveira, 2008; Hunt, 2010; Linden, 2011; Nikolajeva & Scott, 2011; Moraes, Hanning & Paraguassu, 2012; Salisbury & Styles, 2013).

Todavia, percebemos que o campo em que esses estudos são feitos tendem a reduzir a possibilidade de expressão dos livros ilustrados. Por um lado, os artigos 01, 02, 03, 04 e 05 restringem os livros a determinados públicos de antemão – especificamente infantil, infantojuvenil ou juvenil. Por outro, o texto verbal é tomado como prioritário de antemão nos artigos 02 e 04. Apenas em um dos casos, no artigo 04 (Lotterman & Rodrigues, 2021), há uma elaboração mais cuidadosa acerca da importância da diagramação, do projeto gráfico, da tipografia e das qualidades estilísticas de texto e ilustração por meio da fundamentação teórica. O artigo 05 (Menegazzi & Padovani, 2017) se constitui uma completa exceção por

caracterizar o livro app como um livro ilustrado, o que significaria que o livro ilustrado pode prescindir da materialidade – algo sem respaldo na revisão de literatura.

Portanto, a leitura e discussão críticas desses achados foram centradas na contribuição disciplinar que o design pode dar ao estudo dos livros ilustrados. Constatamos que há pouca apropriação das ferramentas que o design dispõe para articular significados nos livros – o que pode remeter diretamente à fundamentação teórica e prática distinta dos outros campos, que dão atenção a outros aspectos do objeto de estudo. Mesmo em uma referência difundida internacionalmente como Linden (2011), identificamos lacunas na compreensão nas possibilidades de articulação de significado. Nesse sentido, apresentamos os trabalhos de Souza (2016), Oliveira (2016) e Oliveira & Souza (2021) para contribuir para uma abordagem mais apropriada das possibilidades de articulação de significado do livro ilustrado contemporâneo.

Estudos futuros sobre o tema podem conduzir revisões integrativas semelhantes a partir de termos correlatos como “livro ilustrado pós-moderno” a fim de verificar em que medida suas caracterizações coincidem. Além disso, dado a diferença significativa do tratamento do livro ilustrado a depender da área da revista em que o artigo foi publicado, um recorte específico para cada área de conhecimento poderia fornecer resultados produtivos a fim de provocar o diálogo e uma compreensão mais complexa desse artefato. Dadas as questões de tradução, a exploração do assunto com foco na lusofonia em vez de brasileira também pode fornecer relações e sínteses produtivas no sentido de consolidar a terminologia deste artefato.

7 Referências

- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O MÉTODO DA REVISÃO INTEGRATIVA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121, 2011.
- CHUTE, Hillary L.; DEKOVEN, Marianne. Introduction: Graphic Narrative. **MFS Modern Fiction Studies**, v. 52, n. 4, p. 767–782, 2006.
- COSTA, Andreia Aparecida Suli da; CARVALHO, Kelly Cristiane Henschel Pobbe de. Infâncias de aqui e de acolá: uma leitura intercultural do livro Esperando a Chuva. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 2, n. 2, p. 28–47, 2021.
- DOMINGUES, Haline Nogueira da Silva; MARSON, Cíntia Roberto; MARTHA, Alice Áurea Penteado. Se eu abrir esta porta agora... (2018): projeto gráfico-editorial e perspectivas de leitura. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 42, n. 2, p. e54523, 2020.
- DRESANG, Eliza T. Radical Change Theory, Postmodernism, and Contemporary Picturebooks. In: SIPE, Lawrence R.; PANTALEO, Sylvia Joyce (Orgs.). **Postmodern picturebooks: play, parody, and self-referentiality**. New York: Routledge, 2008. (Routledge research in education, 16).
- FOSTER, John. Picture books as graphic novels and vice versa: The Australian experience. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, v. 49, n. 4, p. 68–75, 2011.
- GARDNER, J.; HERMAN, D.; KUKKONEN, K. Comics as a Test Case for Transmedial Narratology. **SubStance**, v. 40, n. 1, p. 34–52, 2011.



GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 395–411, 2014.

GREMLAND, Anelise Meyer. **Nau Catarinetea: uma leitura dialógica**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1922/1/402065.pdf>>.

HATFIELD, Charles; SVONKIN, Craig. Why Comics Are and Are Not Picture Books: Introduction. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 37, n. 4, p. 429–435, 2012.

KUKKONEN, Karin. **Studying comics and graphic novels**. Malden, MA: John Wiley & Sons Inc, 2013.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina (Org.). **The Routledge companion to picturebooks**. London New York: Routledge, 2018. (Routledge companions to literature series).

LOTTERMANN, Clarice; RODRIGUES, Severino. RABISCANDO SENTIDOS NO LIVRO ILUSTRADO PARA JOVENS: ANÁLISE DA OBRA RABISCOS, DE LUÍS DILL E FERNANDO VILELA. **Revista Leia Escola**, v. 21, n. 1, p. 113–127, 2021.

MATSUDA, Alice A.; FERREIRA, Eliane Ap. G. R.; CARRIJO, Silvana A. B. A jornada do herói no livro ilustrado contemporâneo: análise da obra O Passeio, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo. **Revista Crioula**, n. 25, p. 15–27, 2020.

MENDES, Claudia. **Singular e plural: Roger Mello e o livro ilustrado**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MENEGAZZI, Douglas Luiz; DEBUS, Eliane Santana Dias. O Design da Literatura Infantil: uma investigação do livro ilustrado contemporâneo. **Calidoscópio**, v. 16, n. 2, p. 273–285, 2018.

MENEGAZZI, Douglas; PADOVANI, Stephania. A LINGUAGEM VISUAL NO E-BOOK INFANTIL: ANÁLISE DO LIVRO APP “WUWU & CO.” **Educação gráfica**, v. 21, n. 2, p. 37–51, 2017.

NECYK, Barbara Jane. **TEXTO E IMAGEM: UM OLHAR SOBRE O LIVRO INFANTIL CONTEMPORÂNEO**. Dissertação de mestrado, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10052@1>>.

NEL, Philip. Same Genus, Different Species?: Comics and Picture Books. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 37, n. 4, p. 445–453, 2012.

NODELMAN, Perry. Picture Book Guy Looks at Comics: Structural Differences in Two Kinds of Visual Narrative. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 37, n. 4, p. 436–444, 2012.

OLIVEIRA, Gabriela A F. **O design na construção do livro: A Coleção Particular da editora Cosac Naify**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

OLIVEIRA, Gabriela Araujo F.; SOUZA, Eduardo A. B. M. A articulação não-convencional dos parâmetros do medium: a materialidade em Bartleby, o escrivão enquanto livro ilustrado desobediente. In: **Blucher Design Proceedings**. Curitiba: Editora Blucher, 2021, p. 202–215.



Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/36467>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

OP DE BEECK, Nathalie. On Comics-Style Picture Books and Picture-Bookish Comics. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 37, n. 4, p. 468–476, 2012.

PANTALEO, Sylvia Joyce; SIPE, Lawrence R. Introduction: Postmodernism and Picturebooks. In: SIPE, Lawrence R.; PANTALEO, Sylvia Joyce (Orgs.). **Postmodern picturebooks: play, parody, and self-referentiality**. New York: Routledge, 2008. (Routledge research in education, 16).

PINHEIRO, Marta Passos; GOMES, Sabrina Ramos. Os “novos” contos de fadas: tradição e inovação em A Bela e a Adormecida, de Gaiman e Riddell. **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 71, n. 2, p. 35–56, 2018.

SANDERS, Joe Sutliff. Chaperoning Words: Meaning-Making in Comics and Picture Books. **Children's Literature**, v. 41, n. 1, p. 57–90, 2013.

SIPE, Lawrence R. Picturebooks as aesthetic objects. **Literacy Teaching and Learning: an international journal of early reading and writing**, v. 6, n. 1, p. 23–42, 2001.

SIPE, Lawrence R.; PANTALEO, Sylvia Joyce (Orgs.). **Postmodern picturebooks: play, parody, and self-referentiality**. New York: Routledge, 2008. (Routledge research in education, 16).

SOUZA, Eduardo A B M. **O estranhamento nos livros ilustrados de Shaun Tan**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOUZA, Eduardo A. B. M. Uma análise Formalista da narrativa gráfica A Chegada: nem livro ilustrado nem comics, mas ambos. In: **Blucher Design Proceedings**. Belo Horizonte, Brasil: Editora Blucher, 2019, p. 2405–2414. Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/33818>>. Acesso em: 1 maio 2021.

TAN, Shaun. The accidental graphic novelist. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, v. 49, n. 4, p. 1–9, 2011.